

A ESTÁTUA-MENIR DE “ATAÚDES” (FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, GUARDA) NO SEU CONTEXTO REGIONAL

*Raquel Vilaça**
*Domingos J. Cruz**
*André Tomás Santos***
*João Nuno Marques***

0. INTRODUÇÃO

Nos inícios de Julho de 2001, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra foi contactado pela Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, na pessoa do seu Técnico superior, Dr. Paulo Santos, no sentido de avaliar o potencial interesse de um “menir” com motivos gravados existente na “Quinta dos Marcelinos”, Figueira de Castelo Rodrigo. As fotografias que, então, nos foram apresentadas, bastaram para confirmar não só o interesse arqueológico do monumento, como denunciavam a existência de mais uma estátua-menir, particularmente importante pelos peculiares atributos que exhibia. Ficou definida uma visita ao local, para observação directa deste achado fortuito, que se efectuou cerca de uma semana mais tarde.

Nesta primeira abordagem directa, em que participaram dois dos signatários (R. V. e J. N. M.), confirmou-se de novo todo o interesse do monumento e, por isso, também se decidiu proceder ao seu estudo. Iniciaram-se, de imediato, os contactos necessários para que tal se concretizasse.

Assim, assegurou-se, primeiro, junto do Instituto Português de Arqueologia (extensão da Covilhã), não existir qualquer projecto de investigação sobre este tipo de vestígios e período cronológico que tivesse por base a área geográfica em causa. Contactaram-se, depois, o proprietário, Sr. António Amaro Fonseca, que permitiu a limpeza e o estudo da peça, o Presidente da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, que foi informado do interesse do monumento, bem como o Instituto Português de Arqueologia, ao qual se requereu a autorização necessária para o seu estudo¹.

Os trabalhos de campo decorreram de 30 de Julho a 2 de Agosto de 2001 sob a orientação dos autores. Contámos então com o apoio da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

* Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

** Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

¹ Queremos deixar expresso o nosso agradecimento ao Sr. António Amaro Fonseca pelo inestimável apoio concedido durante os trabalhos de limpeza e levantamento iconográfico do monumento, que incluiu a cedência de água e energia eléctrica durante os trabalhos de limpeza e de levantamento, estes últimos realizados durante a noite. É também, com reconhecimento, que aqui deixamos uma palavra ao Presidente da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, Sr. Eng.º Armando Pinto Lopes, que, compreendendo o interesse e valor desta peça, disponibilizou à pequena equipa os meios logísticos durante o tempo em que decorreram os trabalhos. De igual forma se agradece ao Dr. Paulo Santos, Técnico superior da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, que nos acompanhou e apoiou no decurso dos trabalhos de campo.

1. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A estátua-menir foi encontrada na "Quinta dos Marcelinos", anteriormente designada "Quinta dos Ataúdes"². Esta propriedade agrícola situa-se a cerca de 2,7 km para E.SE. de Figueira de Castelo Rodrigo; acede-se-lhe pela estrada municipal 607, com origem na sede do concelho, seguindo-se depois por estradão de terra batida que serve as explorações agrícolas desta área de Figueira de Castelo Rodrigo.

Coordenadas geográficas: latitude — 40° 53' 43" N.; longitude — 02° 11' 49" E. (meridiano de Lisboa). Altitude — 620 m ("Carta Militar de Portugal", na escala de 1/25.000, fl. n.º 162 — Figueira de Castelo Rodrigo, 2.ª ed., 1995).

Administrativamente pertence à freguesia e concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda (Fig. 1).

O monumento foi implantado em área ampla de terrenos baixos, nada acidentados, definidos a sul por um conjunto de relevos residuais, dispostos sensivelmente alinhados de este para oeste (Cabeço do Seixo, 645 m; Nave Redonda, 777 m; Castelo Rodrigo, 821 m). A área é bem irrigada por linhas de água subsidiárias da ribeira de Aguiar, que, a cerca de 2 km para NE., corre no sentido SO.-NE., o que contrasta com outros sectores da região, com índices pluviométricos bastante baixos, inferiores a 600 mm anuais (Carvalhosa, 1959: 16; Ribeiro, 1985). O aro de Figueira de Castelo Rodrigo, ocupando terrenos que se desenvolvem sobre manchas xistosas e migmatíticas (formações mistas, de materiais sedimentares metamorfizados e magmáticos), é, na região, o que apresenta maior potencialidade agrícola. A instalação nestas terras do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, nos finais do século XII, não será alheia a este factor. Predominam aqui as culturas de cereais, vinha e batata. Esparsamente, assinalam-se manchas de castanheiros, sobreiros e carvalhos.

O monólito encontra-se, hoje, junto do portão da "Quinta dos Marcelinos"³, fora do seu local original de implantação, embora não muito afastado. A referida quinta ocupa uma vasta área aplanada, ligeiramente abatida, em plena bacia da ribeira de Aguiar (Est. I-1). Em redor pontuam pequenas elevações, com destaque para as que se desenvolvem a N.NE., onde se encontram alguns afloramentos rochosos granito-quartzíticos, conhecidos por "Cabeço da Pedreira" e "Cabeço dos Ataúdes".

A região integra-se na "Beira Transmontana" (Ribeiro, Lautensach e Daveau, 1987: 146-147), vasta peneplanície que, de norte para sul, vai subindo, desde Barca de Alva (115 m) até perto de Sabugal (1000 m). Também é conhecida, desde tempos medievais, por "Riba-Côa" ou "Raia" (Marques, 1995: 11). Estamos em plena "Terra Quente", de verões secos e invernos moderados, com uma flora mediterrânea expressiva, onde sobressaem sobreiros, oliveiras, laranjeiras, figueiras e amendoeiras (Ribeiro, 1985; Ribeiro, Lautensach e Daveau, 1988: 583)⁴.

A área mais restrita que aqui consideramos, em torno de Figueira de Castelo Rodrigo, inscreve-se entre o rio Côa e a ribeira de Aguiar, ambos afluentes do Douro; aquele, neste sector do Nordeste da Beira, corre aproximadamente segundo a direcção N.-S.; a rib.ª de Aguiar, com curso paralelo ao do rio Águeda, de sudeste para noroeste.

² Topónimo de manifesto interesse arqueológico, relacionável com a possível existência de sepulturas. Cfr. "Carta Militar de Portugal", escala de 1/25.000, fl. n.º 162 — Figueira de Castelo Rodrigo, 2.ª ed., 1995.

³ A localização actual deste monumento, junto ao portão principal da quinta, mas do lado exterior, deve ser entendida como provisória, pois não apresenta qualquer protecção, situação particularmente grave por se tratar de monumento insculturado, seja contra agentes naturais, seja contra outras possíveis agressões de origem animal ou humana. A sua remoção para um espaço de cariz museológico, já que não se encontra *in situ*, nem é possível localizar o sítio original de implantação, seria solução aceitável e, porventura, viável.

⁴ "Beira Alta e Beira Transmontana, unidas e separadas por montanhas, ambas planaltos graníticos, são diferentes pela altitude, média na primeira, elevada na segunda, pelo clima, pelo tapete vegetal, pelos modos de viver e conviver das populações. Uma é rica, fértil, muito povoada, verdejante, acolhedora. A outra é pobre, fria, nua, pardacenta, pouco povoada, carrancuda e de uma tristeza comunicativa. Um itinerário Oeste-Leste, do mar à raia, mostra, aqui melhor do que noutro lugar, por transições graduais ou por mutações repentinas, a rica variedade das paisagens portuguesas, das aptidões das terras e das vocações humanas." (Ribeiro, 1985: 745).

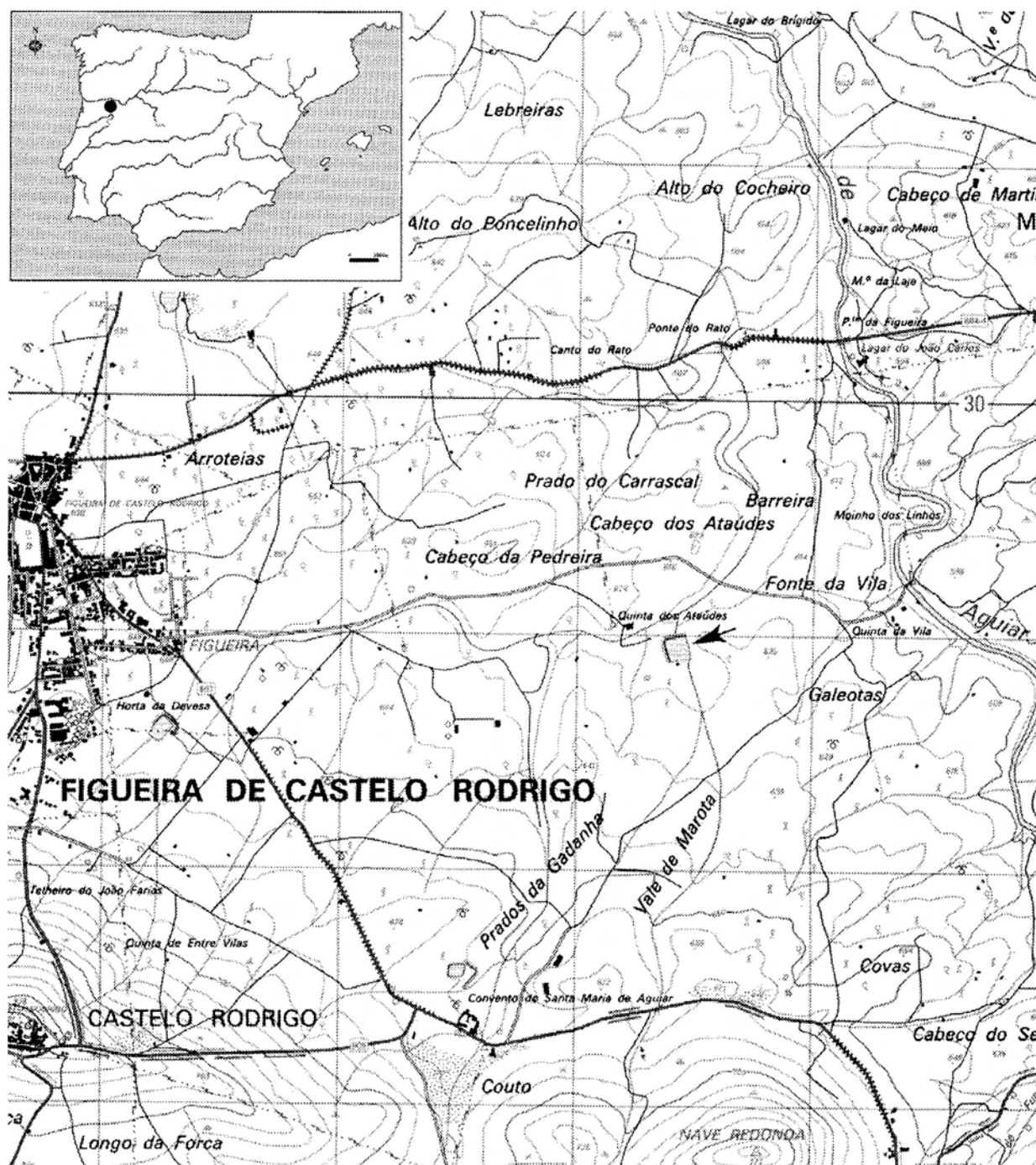


Fig. 1 — Localização do achado na "Carta Militar de Portugal" (1/25 000, fl. n.º 162).

A platitude da região é generalizada, pontuada por alguns relevos isolados, de que se destaca a serra da Marofa, um relevo residual anterior à fase de aplanamento da Meseta, cuja existência ficará a dever-se principalmente à resistência dos materiais constituintes (quartzitos)⁵. Encontramo-nos no sector ocidental da "superfície da Meseta". O vale de fractura do rio do Vale da Vila, junto ao *graben* da Longroiva, marcará os seus limites mais ocidentais, sucedendo-se então os "Planaltos Centrais" e as "Montanhas Ocidentais" do norte da Beira Alta (Ferreira, 1978).

⁵ "Levantando-se vigorosamente de uma superfície quase plana, o alinhamento de relevos da Marofa constitui um acidente importante e a sua silhueta inconfundível é visível de longa distância" (Ferreira, 1978: 57).

Os granitos são dominantes, mas apresentam diferenças mineralógicas várias, circunstância que justificará o diferente estado de conservação desta superfície de erosão, que é excepcional a leste do Côa (Ferreira, 1978: 51). A área mais imediata, em torno de Figueira de Castelo Rodrigo, insere-se na mancha do "complexo xisto-granito-migmatítico" ("Carta Geológica de Portugal" na escala de 1/50.000, fl. 15-D — Figueira de Castelo Rodrigo, 1960).

Os recursos minerais são numerosos por todo o concelho, salientando-se, ao longo do tempo (mas hoje praticamente abandonadas), as explorações mineiras de volframite, cassiterite, galena (argentífera), pirite, calcopirite, etc. São particularmente famosas as minas de "Vale do Torno" e "Ribeira dos Frades", perto de Almofala (Carvalhosa, 1959: 13-14; Thadeu, 1965: 35; Silva, 1992: 480).

Registe-se ainda a ocorrência, não muito longe dos Ataúdes, de várias nascentes minero-medicinais, designadamente nas áreas de Almofala ("Fonte Santa", "Fontainha"), Convento de Santa Maria de Aguiar ("Fonte de Vale de Cavalos") e do Escarigo ("Fonte da Bispa") (Carvalhosa, 1959: 16; Silva, 1992: 471).

2. CIRCUNSTÂNCIAS DE ACHADO

Como referimos, trata-se de um achado fortuito. O monumento não se encontra *in situ*, conforme é manifesto e foi confirmado pelo actual proprietário da quinta.

Segundo o Sr. António Fonseca, a "pedra" foi localizada em 1989, durante os trabalhos de escavação do terreno com vista à construção de uma represa, infraestrutura que, por sua vez, ampliava uma outra construída há cerca de dezoito anos. Quando da realização destes trabalhos, o monumento já era visível, sobressaindo do solo cerca de 0,50 m, apresentando-se inclinado "para norte"; era, aliás, utilizado como "banco", pois se situava junto de uma fonte natural, a cerca de 20 m de um aglomerado de afloramentos, reunindo-se aqui para merendar, por vezes, caçadores e trabalhadores agrícolas. Segundo o informante, que orientou os trabalhos, o monólito encontrava-se fortemente enterrado em terrenos de aluvião, para cuja extracção foi utilizada uma máquina retroescavadora. Informou ainda que "a pedra foi utilizada no pontão, a servir de passagem, com a parte dos riscos para baixo". A actual localização da peça, junto ao portão da quinta, data de há dois anos.

Deste relato, seguro, mas de qualquer modo sempre filtrado pelos anos que entretanto passaram, podemos deduzir, com alguma verosimilhança, que a estátua-menir se encontraria *in situ*, embora já inclinada, para além de ter sofrido um processo de assoreamento, que provocou a sua ocultação quase total. Estaria implantada em plena zona de aluvião, por certo junto a uma nascente, ou linha de água, e próximo (c. 20 m?) do sopé do núcleo de afloramentos graníticos que se destaca nesta zona do vale, do lado nordeste da represa (Est. I-1).

3. METODOLOGIA DOS TRABALHOS DE LIMPEZA E DE LEVANTAMENTO

As características do monumento em estudo aconselharam a adopção de metodologia idêntica à que, comumente, se aplica no estudo de rochas insculpturadas.

Assim, após o registo fotográfico, iniciou-se a limpeza com a remoção de líquenes por métodos não abrasivos, utilizando-se água, pequenas vassouras e "espátulas" de madeira. Seguiu-se o levantamento à escala natural, por decalque directo, com "plástico cristal" de espessura e transparência adequadas; este trabalho foi executado durante a noite, com recurso a luz artificial. Simultaneamente, foram feitos múltiplos registos fotográficos (fotografia a preto e branco, a cores e diapositivos).

Foi ainda realizada uma vista em secção segundo o eixo maior do bloco. As reduções dos levantamentos e tintagem em papel foram executados à escala de 1/1, utilizando-se para o efeito canetas de cor negra (ponta 1, para os limites das faces, e ponta 0.5, para as fracturas), sendo

os sulcos passados à escala real. Os rebaixamentos da superfície da pedra, técnica utilizada para a obtenção de relevos, são representados a ponteados. Só após esta fase foram feitas as reduções.

O tratamento e finalização do levantamento em gabinete foi realizado por José Luís Madeira (Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

4. DESCRIÇÃO FÍSICA E ICONOGRÁFICA DA ESTÁTUA-MENIR

A estátua-menir de "Ataúdes" foi talhada a partir de um bloco, genericamente paralelepípedo, de granito de grão médio a grosseiro, por vezes com cristais de feldspato de grandes dimensões. Muito provavelmente tratar-se-á do aproveitamento de um bloco / laje espessa, resultante de diáclases naturais, cujas superfícies maiores foram parcial e frustemente regularizadas, bem como os lados, que são arredondados; de igual modo, a parte superior do bloco sofreu algum trabalho de escultura, com vista à definição da cabeça e ombros.

O monumento apresenta configuração sub-retangular e perfil sinuoso; mede 2,96 m de altura e 0,79 m de largura máxima. Na sua totalidade deverá atingir 3,15 m, tendo em conta a informação prestada pelo proprietário⁶. De qualquer forma, uma porção significativa da estátua estaria originalmente enterrada. A peça possui mutilações importantes, certamente resultantes do transporte para o actual local de exposição, e outras, mais antigas, que terão afectado principalmente a zona correspondente à cabeça e aos lados.

A parte insculptada circunscreve-se ao terço superior. As técnicas utilizadas conjugam o relevo e a gravura; esta foi conseguida por percussão indirecta seguida de abrasão; aquela resultou do desbaste da superfície do suporte em torno dos motivos previamente definidos. Na técnica da gravura o artífice terá recorrido a utensílio bastante pontiagudo, provavelmente metálico. A não existência, ou a invisibilidade, de picotados soltos e de "enganos", para além destes serem extremamente difíceis de identificar neste tipo de suporte, está também condicionada pelo emprego deste método de gravação, que permite um maior controlo do processo por parte do gravador. A regularidade e a profundidade dos sulcos serão o resultado da fricção continuada com instrumento abrasivo. Não existem quaisquer vestígios de pintura⁷.

O monumento apresenta dois motivos principais, e centrais, colocados de forma oposta e simétrica, em cada uma das faces (Fig. 2). Admitimos que o anverso da peça corresponda à face onde se destaca, ao centro, em relevo, uma figura subtrapezoidal, com os lados maiores acentuadamente côncavos; a base é levemente convexa; os vértices foram igualmente marcados⁸. Este motivo foi obtido por rebaixamento do campo envolvente, pelo que foi seguramente o primeiro a ser inscrito nesta face do bloco. A superfície em torno desta figura apresenta-se muito gasta e erodida. Este desgaste será, por um lado, resultado do uso da pedra, durante vários anos, como pontão, por outro, da preparação e regularização da superfície previamente à gravação.

Esta figura é normalmente identificada como "insígnia" de poder que era aposta, ou integra, o traje / manto, do personagem na parte do tronco.

Em cada um dos lados da figuração, na parte que corresponde aos dois terços superiores, foram gravados, por picotagem, seguida de abrasão, e de forma assimétrica, onze e dez sulcos, bem marcados e paralelos entre si, respectivamente nos lados esquerdo e direito. Estes sulcos

⁶ Como já referimos, o monumento está implantado junto ao portão da quinta, calculando-se que a parte enterrada corresponda a cerca de 0,20 m.

⁷ Não têm sido registados vestígios de pintura em peças deste género, mas a sua ocorrência não é de afastar completamente, tendo em conta o antecedente de Preixana (Lérida, Catalunha), onde foram detectadas manchas de ocre (Maluquer de Motes, 1971: 476; Bueno Ramírez, 1995: 96), bem como a referência a pinturas em algumas das estátuas-menir do sul de França, Suíça (Sion) e Itália (Aosta) (Anati, 1977: 45).

⁸ Apresenta as seguintes medidas: eixo longitudinal central — 0,74 m; eixo transversal central — 0,165 m; largura máxima entre os dois vértices superiores — 0,305 m; largura máxima entre os dois vértices inferiores — 0,32 m; comprimento máximo entre os vértices do lado esquerdo — 0,87 m; comprimento máximo entre os vértices do lado direito — 0,80 m.

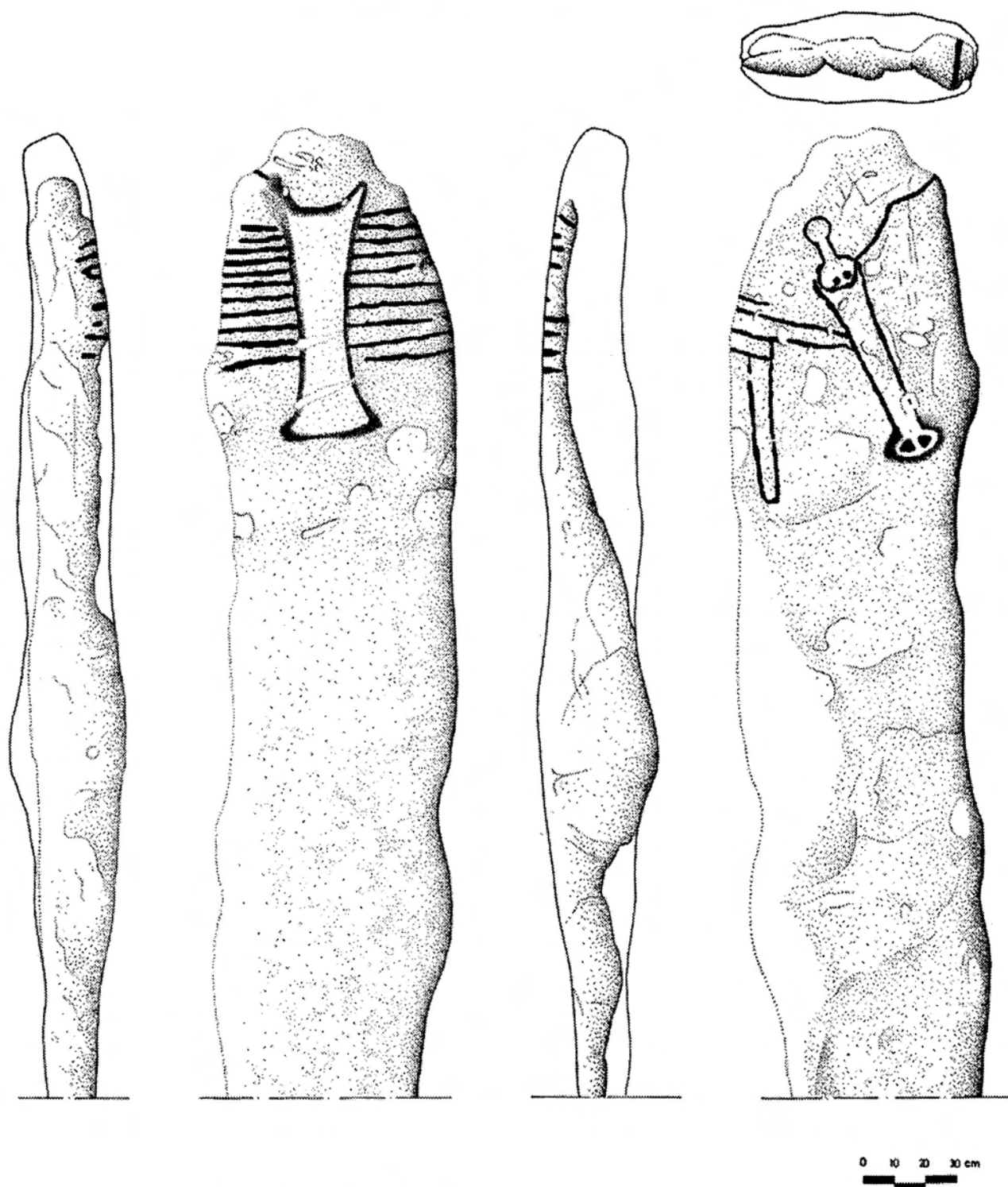


Fig. 2 — Estátua-menir de Ataúdes (desenho a partir de levantamento à escala real, por José Luís Madeira).

contornam, parcialmente, a peça, observando-se em cada um dos lados, que são arredondados, nove sulcos.

A interpretação desta sequência de sulcos, com origem na "insígnia" central, prolongando-se para os lados desta estatuária monumental, é controversa. De facto, são, por vezes, identificados como a "couraça" do equipamento dos guerreiros, ou ainda, as "costelas" da figura representada. Trata-se de hipóteses pouco contrastadas arqueologicamente, mas que aqui referenciamos para facilitar a descrição dos restantes motivos.

Como se disse, a parte da cabeça terá sofrido alterações importantes. Ainda assim, para além do contorno desta parte da estátua, por desbaste do monólito com o objectivo de proporcionar a forma da cabeça humana, a marcação desta é conseguida com sulco fundo e largo em torno da parte superior do motivo central antes referido. A face apresenta alguns "relevos", cuja valorização é difícil face ao estado de conservação. Os ombros foram igualmente bem marcados, por talhe seguido de regularização, salientando-se relativamente ao tronco e à cabeça; destaca-se, pelo bom estado de conservação, o ombro do lado esquerdo. Neste lado observa-se ainda um pequeno sulco que, partindo do vértice esquerdo da figura central, passaria por cima do ombro, continuando-se no reverso. Trata-se de uma parte da correia de suspensão, ou *boldrié*, da espada inscrita na outra face.

A face oposta, ou reverso, é igualmente insculptada apenas no terço superior do monólito. A referida correia, que aqui se define com leve quebra na parte média, liga-se a espada embainhada; a arma ocupa a parte central das costas do personagem, em posição subvertical, orientada da esquerda para a direita. A espada apresenta empunhadura volumosa, terminando em "botão", fixada à lâmina com dois rebites nítidos (poderão ser quatro); apesar de embainhada, a lâmina parece ser larga, e, possivelmente, de bordos rectos. A ponta da bainha é protegida por contera, de contorno elipsoidal, reforçada com travessão central. A espada mede 0,85 m de comprimento máximo e 0,16 m de largura na zona dos rebites. Esta figura foi executada com recurso à picotagem indirecta seguida de abrasão; a contera surge em relevo, obtido com o rebaixamento parcial da superfície envolvente.

À esquerda da espada, junto e paralelamente ao rebordo esquerdo desta face da estátua, observa-se uma figura sub-rectangular muito alongada. Tratar-se-á, talvez, de um cabo, provavelmente de outra arma. Este motivo sub-rectangular mede 0,46 m de comprimento e 0,08 m de largura máxima. Terá sido o último a ser gravado.

O facto desta peça, e outros elementos gravados a que está associada, se situarem junto ao rebordo esquerdo desta superfície da estátua, confundindo-se por vezes com os sulcos do lado esquerdo, torna difícil a sua interpretação; de facto, a sua inclusão no reverso do monólito, face ao aspecto arredondado dos lados, depende do ponto de observação, pois os limites entre a superfície do reverso e os lados da estátua são algo imprecisos.

Por um lado, podemos admitir a existência de uma lâmina, estreita e alongada, com leve estrangulamento junto ao cabo, definida por dois sulcos subparalelos, que parecem estreitar-se na extremidade (lado direito), junto à bainha da espada; estes dois sulcos, de qualquer modo, prolongam-se para o lado esquerdo, sendo neste caso também elementos da "couraça / costelas" antes mencionada; acima da referida "lâmina", desenvolve-se igualmente um sulco, que tem origem no lado esquerdo, mas que se interrompe pouco acima daquela, junto ao rebordo; eventualmente poderá tratar-se de uma correia, que se ligaria à espada, mas que não se conservou completamente; mas não é certo, podendo também ser o leve prolongamento, "por engano", de um dos sulcos dispostos paralelamente neste lado da estátua; junto à "lâmina", interceptando o "cabo", observa-se um outro sulco, bem marcado, que poderíamos interpretar como "correia" desta possível arma, desenvolvendo-se apenas para o lado esquerdo desta face da estátua.

Não se tratando de uma arma com cabo, poderíamos considerar a possibilidade do conjunto de sulcos que se dispõe na parte superior do "cabo", e que se confundem com os sulcos do lado esquerdo, se identificarem com correias: uma, ligada apenas a este cabo; duas, à espada, uma das quais "prende" simultaneamente o referido "cabo"; um último sulco, com origem no lado esquerdo desta face da estátua, é curto, aparentemente sem qualquer ligação, quer à espada, quer à figura sub-rectangular alongada ("cabo"). Apesar das dúvidas, admitimos que esta figura alongada, a que se associam diversos sulcos dispostos paralelamente, dois dos quais se prologam até à bainha da espada, corresponda a uma arma, talvez uma alabarda de lâmina estreita.

5. A ESTÁTUA-MENIR DE ATAÚDES NO CONTEXTO DA PROTO-ESTATUÁRIA DO OCIDENTE PENINSULAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pelas afinidades morfológicas e / ou iconográficas, a estátua-menir de Ataúdes deve ser integrada num já considerável e importante grupo de peças afins, sejam estátuas-menir como esta, sejam suportes de outra índole ou natureza. Aquelas, unidas por uma única concepção escultórica, incidem particularmente no noroeste e centro ocidental peninsular. No entanto, a estrutura compositiva dos diversos elementos da estátua-menir de Ataúdes exige uma visão mais abrangente em termos espaciais e culturais e, conseqüentemente, mais heterogénea.

Os elementos que temos em análise são, para além do suporte antropomorfizado do monumento, diversos motivos insculturados: uma figura subtrapezoidal, um conjunto de linhas horizontais e paralelas entre si, uma espada, uma figura sub-rectangular alongada e outros motivos lineares.

Como referimos, a figura subtrapezoidal é normalmente interpretada como “insígnia” de poder (Almeida e Jorge, 1979: 18; Jorge e Jorge, 1993: 41; Almagro Gorbea, 1993: 126; López Plaza *et alii*, 1996: 298; Cruz, 2001: 176)⁹.

Além do monumento em estudo, conhecemos mais onze casos em que tal motivo ocorre. No entanto, a sua configuração não só apresenta uma certa diversidade morfológica, como poderá simbolizar distintas realidades. Na maior parte das vezes, incluindo Ataúdes, surge como elemento autónomo explicitamente aplicado sobre o corpo da figura humana. Noutras, como sucede em Longroiva, Meda (Almagro, 1966: 108-109; Rodrigues, 1983: 35-37) ou Preixana, Lérida (Maluquer de Motes, 1971: 476), corporiza o próprio personagem.

Por outro lado, a análise microtopográfica desta figura nos diversos casos conhecidos revela que, umas vezes (a maioria) seria aplicada sobre o peito, outras vezes (raramente) sobre as costas. Nos casos de Boulhosa, Monção / Paredes de Coura (Vasconcelos, 1910: 32), Longroiva, Nave 1¹⁰ e Nave 2, Moimenta da Beira (Cruz, 2001: 173-178) ou S. João de Ver, Santa Maria da Feira (Jorge e Jorge, 1983), que possuem cabeça e / ou face configuradas, mesmo que fugazmente, a escolha é inequívoca: nos quatro primeiros casos encontra-se no anverso, no último, que também possui capacete, no reverso. A singularidade deste último poderia ser explicada por uma cronologia tardia, eventualmente da Idade do Ferro (Jorge e Jorge, 1993: 41). Mas, no exemplar de Chaves, de acordo com a interpretação dos autores, voltamos a encontrá-la no reverso. Trata-se de uma peça fálca, onde o anverso é anatomicamente identificado por duas “fossettes”, que surgem no lugar dos olhos, e por uma outra figura que poderá simbolizar o órgão sexual masculino (?) (Jorge e Almeida, 1980: 10). Já nos exemplares de Faiões, Chaves (Almeida e Jorge, 1979) e Bouça, Mirandela (Sanches e Jorge, 1987), a falta de atributos anatómicos definidos torna mais difícil a “leitura” desses monumentos. Os autores que os estudaram optam por colocar a “insígnia” na parte que interpretam como costas, ou seja, no reverso das peças. cremos, no entanto, que no caso de Faiões seria igualmente legítimo “ver” esse motivo no anverso, caso não se considerassem colares, mas folhos de um manto, as linhas curvas da face oposta. No caso salmantino de Tremedal de Tormes, embora com a cabeça fracturada, parece certa a sua aplicação no anverso (López Plaza *et alii*, 1996).

A interpretação que adoptamos para este motivo — insígnia estandardizada de poder — é a que se afigura como mais credível por parte dos investigadores que têm analisado o assunto (Almeida e Jorge, 1979: 18; Jorge e Jorge, 1993: 41; Almagro Gorbea, 1993: 126; López Plaza *et alii*, 1996: 298; Cruz, 2001: 176). Na falta de exemplares materiais reais, é extremamente difícil especificar e concretizar aquilo que representa. Em termos estritamente morfológicos, as maiores

⁹ A interpretação desta figura como “trança” ou “espinha dorsal” no exemplar, reaproveitado, de Muiño de San Pedro, Verín (Taboada Cid, 1988-1989: 81) não se nos afigura credível. Aliás, comparando o desenho, sem escala, com a fot. 5, publicados pelo autor, é manifesto que a peça deverá ser redesenhada e, conseqüentemente, reestudada.

¹⁰ Monumento inédito, embora divulgado em prospecto de divulgação turística: *Moimenta da Beira — Circuito Pré-histórico da Nave*, Arqueohoje, Câmara Municipal de Moimenta da Beira.

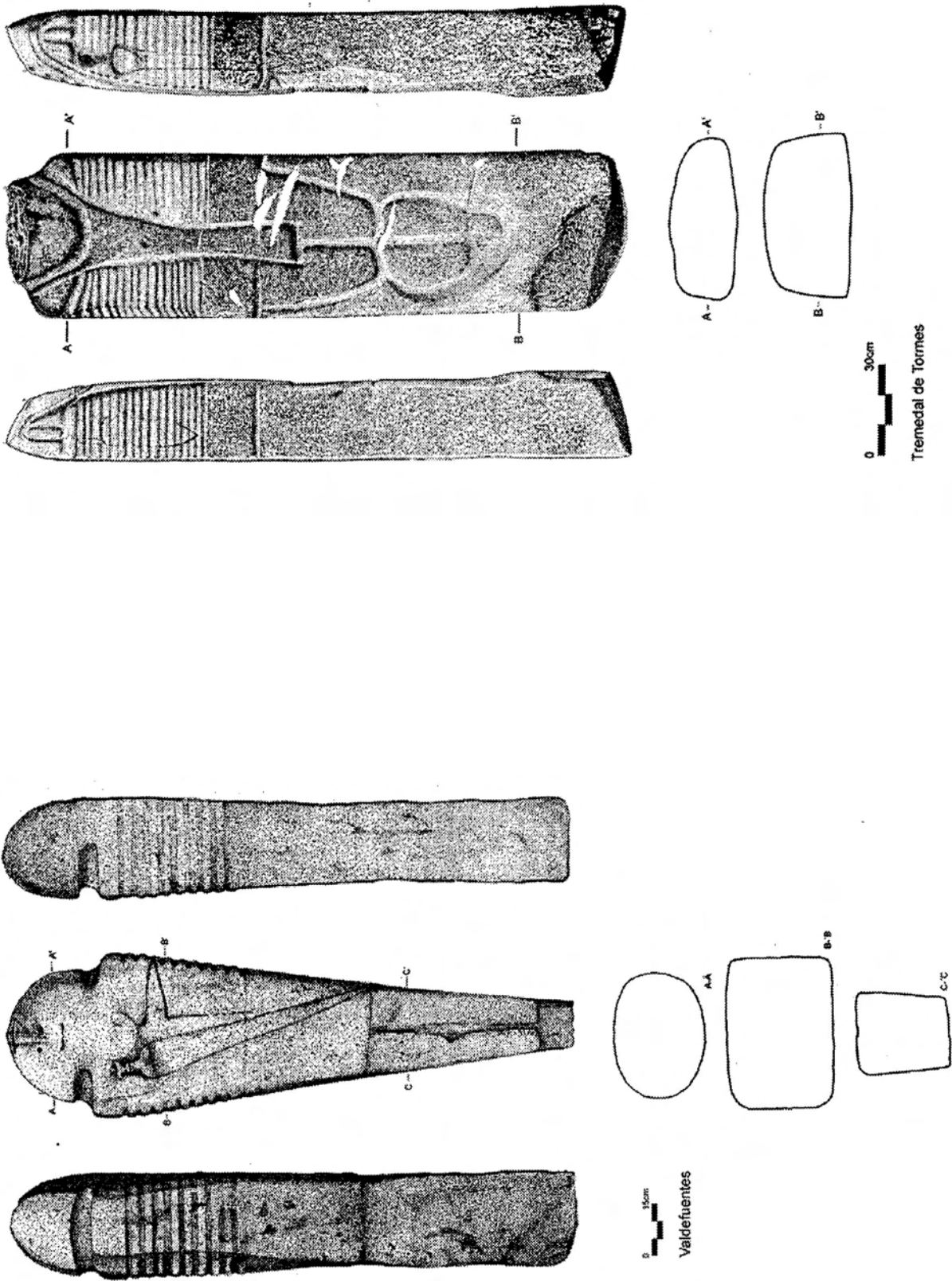


Fig. 3 — Estátuas-menir de Tremedal de Tormes, Salamanca (seg. López Plaza *et alli*, 1996) e de Valdefuentes, Salamanca (seg. Santoja Gómez e Santoja Alonso, 1978).

semelhanças registam-se nos lingotes em forma de machados bipenes, de França, Suíça e Alemanha, do Bronze Antigo (Briard, 1976: 239)¹¹. À sua identificação como “estola” ou vestimenta cerimonial estilizada (Jorge e Jorge, 1993: 39), contrapõe Almagro Gorbea a ideia de que poderá tratar-se de um colar apotropaico (*kardiophilax*), isto é, com um valor protector (1993: 126). Justamente, já em 1979 se admitia a possibilidade deste motivo desempenhar função equivalente à do “ancoriforme” das peças alentejanas (Almeida e Jorge, 1979: 18), para o qual também tinha sido proposta a função de insígnia de autoridade relacionada com o estatuto social e de poder (Gomes e Monteiro, 1976-77: 309).

O conjunto de sulcos horizontais encontra paralelos próximos na peça de Valdefuentes de Sangusín (Santoja Gómez e Santoja Alonso, 1978) e, muito particularmente, na de Tremedal de Tormes (López Plaza *et alii*, 1996), ambas de Salamanca (Fig. 3). Naquela, os sulcos desenvolvem-se lateralmente, diluindo-se no anverso da peça, onde dominam, sobre o peito, uma espada e uma alabarda. Na segunda, tal como em Ataúdes, os sulcos arrancam da figura central subtrapezoidal e prolongam-se pelos flancos.

Para estes casos considerou-se que corresponderiam à representação das costelas do personagem (Santoja Gómez e Santoja Alonso, 1978: 20; Bueno Ramírez, 1991: 84; López Plaza *et alii*, 1996: 302), o que não é absolutamente convincente. Talvez mais credível seria a sua identificação com possíveis couraças, conforme foi igualmente proposto (Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 1998: 55)¹². Esta hipótese colhe inspiração em algumas figurações vagamente semelhantes de exemplares da área mediterrânica, Languedoc, Córsega, etc. (D’Anna, 1977: 94; Chenorkian, 1988: 96).

Na face que considerámos como reverso da estátua temos representada, em posição central e de destaque, tal como a figura subtrapezoidal da face oposta, uma espada. O seu alto valor simbólico, por constituir um novo tipo de arma, é difícil de estimar. O simbolismo das duas figuras parece equiparar-se. Sob o ponto de vista técnico, que poderá ser agora valorizado em termos simbólicos, repete-se, parcialmente, esta paridade: os únicos motivos que mereceram um tratamento em relevo, destacado, são a espada (conreira) e a figura subtrapezoidal¹³. Essa equiparação desaparece parcialmente quando analisamos o tratamento das superfícies, pois o da face onde se encontra a espada apenas foi grosseiramente desbastada.

Os dois testemunhos mais próximos de Ataúdes — Tremedal e Valdefuentes — não ajudam neste particular. No primeiro, é inequívoco o anverso da peça, onde se destaca a figura subtrapezoidal. A espada (juntamente com o punhal) ocupa uma posição secundária, num dos flancos (aquele, no outro); contrariamente à figura principal, ambas as armas foram representadas vagamente, de forma menos vincada. No segundo, o anverso é igualmente indubitável, mas é aí, em posição central e destacada, que a espada (associada a uma alabarda) está presente. As espadas poderiam figurar igualmente sobre o peito dos personagens, ou seja, na face principal ou anverso. Recorde-se que estes dois casos não possuem quaisquer motivos nos reversos.

Além da espada, mas em posição nitidamente secundária e marginal, temos ainda uma figura sub-retangular alongada, de interpretação duvidosa, talvez uma arma, uma alabarda de lâmina estreita. Não é certo, mas é verosímil, até pela associação espada / alabarda, que se observa em

¹¹ Noutros contextos cronológico-culturais, seria tentadora, também pela semelhança formal, a sua identificação com os famosos lingotes cipriotas em “pele de boi” que circularam no Mediterrâneo centro-oriental a partir do séc. XVI a. C. No entanto, no mundo mediterrânico ocidental, a ocidente da Sardenha, estas peças são desconhecidas. Não obstante, no sudoeste peninsular, a ideia da forma de lingote foi apropriada pelas comunidades indígenas dirigentes do Ferro Inicial, nas mais distintas situações, mas sempre em contextos de “poder”: *Lamakes* de Neves Corvo, pisos e altares de edifícios cultuais e / ou funerários como Cancho Roano ou Pozo Moro, peitorais de El Carambolo, etc.

¹² Ainda que correspondam a uma realidade cronológico-cultural muito distinta, são de registar, pela proximidade regional, os guerreiros nus das gravuras sidéricas do Vale do Côa, nomeadamente do Vale da Vermelha. Também eles apresentam, a meio do corpo, uma série de faixas largas formadas por traços paralelos, interpretadas como cinturões largos (Gomes e Baptista, 1998: 74), ou armaduras (Abreu *et alii*, 2000: 404).

¹³ Esta associação de duas técnicas — relevo e gravura — também se verifica na estela de Alfaroqueira (Gomes, 1994: 27).

outras estátuas do centro e norte da Península Ibérica, mas que também se regista nas "estelas" sepulcrais do sul de Portugal, ditas "alentejanas", cujos núcleos mais expressivos se concentram no distrito de Beja (Gomes, 1994).

A estátua-menir de Ataúdes é armada. A espada é o único elemento que, objectivamente, nos autoriza uma aproximação à cronologia do monumento. A tipologia da arma representada remeterá para um momento avançado do Bronze Antigo / transição para o Médio (finais do 1.º-2.º quartel do II milénio a. C.). É possível aproximá-la do tipo II de Almagro (1972: 70), atribuído ao Bronze Médio. A estela de Mouricos, cuja espada possui conteira similar à de Ataúdes, foi incluída no Sub-tipo C (sem "ancoriforme" e com o protagonismo da espada), datado de 1300-1200/1100 a. C. (Gomes, 1994: 131, contra Jorge, 1999: 114-115), portanto, posterior à cronologia que propomos para Ataúdes.

Quanto à figura subtrapezoidal, por si só, não poderá ser valorizada numa análise cronológica. É-lhe atribuída longa diacronia, desde o Bronze Antigo até à Idade do Ferro (Jorge, 1999: 121). Exemplares com este motivo, como Faiões, Chaves e Bouça, foram atribuídos ao Bronze Final (Jorge e Jorge, 1993: 41). A possibilidade de possuírem cronologia mais antiga foi igualmente sugerida (Bueno Ramírez, 1991: 84 e 94), o que se aproxima da nossa proposta para Ataúdes.

Pela tipologia das espadas e demais elementos, Ataúdes será ainda contemporânea de Tremedal e Valdefuentes. As três constituem, de resto, e não obstante disparidades óbvias, um grupo de notável proximidade escultórica e conceptual, para além de geográfica.

De cronologia idêntica, ou talvez ligeiramente anterior à de Ataúdes, é o singular monumento de Longroiva (Meda), há muito justamente reconhecido como próximo das estátuas-menir (Soutou, 1967: 190). É igualmente de registar o recente achado de A-de-Moura, Guarda (Silva, 2000), inserível no grupo que Bueno Ramírez baptizou de "Hurdes-Gata", cuja cronologia será também anterior à proposta para Ataúdes.

A estátua-menir de Ataúdes é proveniente, como vimos no início, de uma vasta área aplanada, ligeiramente abatida, em plena bacia da ribeira de Aguiar. Tudo indica que estaria, originalmente, junto a uma linha de água, em terrenos alagadiços. Muito se tem escrito sobre as múltiplas "funções" atribuídas a monumentos como estelas, estátuas-menir, etc. A sua grande variabilidade no tempo e no espaço, por um lado, na dimensão, forma, atributos e tipologia, por outro, deverá advertir-nos para a variabilidade de significações. A óbvia ou muito provável reutilização de alguns, dificulta ainda mais esta questão. Nuns casos tem sido defendido o seu carácter funerário, o que encontra comprovados paralelos em exemplares meridionais; noutros apela-se para uma função sinalizadora de caminhos ou marcadores territoriais.

A dimensão da maioria e a forma como seriam posicionados indicam que estas entidades foram concebidas para serem vistas, isto é, constituiriam referências de qualquer coisa e / ou referências para alguém.

A associação deste tipo de monumentos a lugares de passagem deverá, pois, ser considerada normal. Ora, os locais públicos, como os caminhos, onde as pessoas passam, são privilegiados para esse fim. Não será, pois, de estranhar a proximidade de tantos relativamente a vias antigas. Por sinal, o monumento de Nave 1, que se admite estar *in situ* (uma sondagem no local justifica-se plenamente), surge-nos à margem de um caminho. Também nada impede que o hábito de enterrar e / ou venerar os mortos (ou o local onde morreram), junto a vias de passagem, tenha origem bem mais remota do que aquela que julgamos. Por outro lado, alguns deles, localizados perto de linhas de água, que são também vias naturais de passagem, como Valdefuentes, poderiam sinalizar os locais onde se atravessava entre as duas margens.

Igualmente credível é uma função protectora, que seria eficaz não tanto, ou não só, pelo "retrato" de quem detinha poder, mas em particular pela forte carga simbólica dos elementos figurados, armas nomeadamente. Essa protecção tanto poderia incidir sobre "bens" específicos, como em relação a territórios num sentido mais amplo. Na primeira situação poderíamos indicar os casos de Longroiva, Tremedal e Ataúdes, próximos de fontes minerais; ou ainda Longroiva e Ataúdes, relacionadas, respectivamente, com estanho de aluvião e com minério de cobre. No segundo caso,

poderíamos incluir diversos monumentos, como Faiões, Nave 1, Nave 2, A-de-Moura, Longroiva ou Ataúdes, inseridos e dominando amplos campos de cultivo e / ou de pasto, estes, particularmente; os personagens representados por tais monumentos deveriam ser criadores de gado, nomeadamente vacum, daí resultando a sua riqueza e, conseqüentemente, poder. Ainda aqui, a função protectora não pode ser dissociada da de marcador ou sinalizador de um território.

Um desempenho nesta última linha interpretativa — marcador / protector — parece-nos verossímil para Ataúdes.

6. BREVE APONTAMENTO SOBRE O BRONZE ANTIGO E MÉDIO DO BAIXO-CÔA

A valorização histórico-cultural da estátua-menir de Ataúdes deverá ser analisada à luz da Idade do Bronze Antigo e Médio do Baixo-Côa.

Neste âmbito, será de referir, para além da estela de Longroiva, os sítios, ímpares, de Castelo Velho (2.^a e 3.^a fases) (Freixo de Numão) e de Castanheiro do Vento (Horta do Douro), em curso de escavação (Jorge, 1993; 1998; Jorge *et alii*, 2002a; 2002b).

Prospecções de distinta origem têm também revelado, nos últimos anos, um conjunto de sítios, de natureza completamente distinta, cujos achados poderão apontar para uma genérica contemporaneidade com a estátua-menir de Ataúdes: Salto do Boi, Olga Grande 6, Castelo Velho de Chãs, Casa do Fumo, etc. (Coixão, 1996: 50-51; Aubry e Carvalho, 1998: 34).

Mas particular importância assumem as estações, muito diversas na sua implantação, e certamente, na função também, com cerâmicas de tipo “Cogeces / Proto-Cogotas”. Além do acervo de Castelo Velho, especificamente analisado (Pereira, 1999), contam-se outros achados: Monte de Santa Eufémia, Freixo de Numão (Pereira, 1999: 54), Castelo dos Mouros, Cidadelhe (incisões e puncionamentos diversos, inclusive num “largo bordo horizontal”; técnica de “boquique” com incrustação de pasta branca; decoração em espinha, reticulado e zigzagues) (Perestrelo, 2001), Castelo Mau, Almeida (decoração em espinha em ambas as superfícies)¹⁴, etc. Teria todo o interesse realizar escavações nestas duas últimas estações, nomeadamente com o objectivo de determinar uma cronologia mais precisa para a respectiva ocupação. Com efeito, o actual estado da investigação da Beira Interior diz-nos que cerâmicas de âmbito Cogeces / Cogotas ocorrem em contextos arcaicos da Idade do Bronze, caso de Castelo Velho ou Castanheiro do Vento, mas também, ainda que residualmente, noutros já de finais e viragem do milénio, como Monte do Frade, Penamacor ou Moreirinha, Idanha-a-Nova (Vilaça, 1995: est. LXXXIX-5, CV-2, CCXXIII-3).

No Médio e Alto Côa, bem como na região da Guarda, outros testemunhos da Idade do Bronze têm ocorrido, aguardando-se a publicação de alguns deles. Não é possível fazer aqui a sua análise e discussão global, mas perfila-se uma interessante situação, ao longo de uma faixa que se confunde com a “raia beirã”, onde diversos elementos concorrem no sentido da configuração de uma “fronteira cultural” durante o II milénio a. C., embora com expressivo cunho mesetentrional.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, M. S., Arcà, A., Jaffe, L., Fossati, A. (2000), “As gravuras rupestres da Idade do Ferro no Vale de Vermelhosa (Douro-Parque Arqueológico do Vale do Côa). Notícia preliminar”, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V [*Proto-história da Península Ibérica*], Porto, Adecap, 403-412.
- Almagro, M. (1966), *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*, Biblioteca Praehistorica Hispana, vol. VIII, Madrid.
- Almagro Gorbea, M. (1972), “La espada de Guadalajara y sus paralelos peninsulares”, *Trabajos de Prehistoria*, 29, 55-82.
- Almagro Gorbea, M. (1993), “Les stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *Actes du 115º Congrès National des Sociétés savantes, Avignon (1990)*, Paris, Éditions du C.T.H.S., 123-139.

¹⁴ Com materiais que já indiciavam uma ocupação da Idade do Bronze, confirmada pelas prospecções realizadas em Setembro de 2001 por um dos autores (R. V.) com M. Sabino Perestrelo.

- Almeida, C. A. F., Jorge, V. O. (1979), *A Estátua-menir de Faiões (Chaves)*, Porto ["Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", n.º 2].
- Anati, E. (1977), "Origine e significato storico-religioso delle statue-stele", *Bulletino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, 16, Capo de Ponte, 45-56.
- Aubry, T. e Carvalho, A. M. F. (1998), "O povoamento pré-histórico no Vale do Côa - Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997)", *Côavisão*, n.º 0, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 23-34.
- Briard, J. (1976), "La paléoméallurgie en France", in Guilaine, J. (dir.), *La Préhistoire Française*, vol. II, Paris, C.N.R.S., 237-245.
- Bueno Ramírez, P. (1991), "Estatuas menhir y estelas antropomorfas en la Península Ibérica. La situación cultural de los ejemplares salmantinos", in *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, Junta de Castilla y León, 81-97.
- Bueno Ramírez, P. (1995), "Megalitismo, estatuas y estelas en España", *Notizie Archeologiche Bergomensi*, 3, Bergamo, 77-129.
- Bueno Ramírez, P., Balbin Behrmann, R. (1998), "Novedades en la estatuaria antropomorfa megalítica española", *Archéologie en Languedoc*, 22 [Actes du 2^{ème} Colloque International sur la Statuaire Mégalithique], 43-60.
- Carvalhosa, A. (1959), *Carta Geológica de Portugal na Escala de 1/50.000. Notícia Explicativa da Folha 15-D (Figueira de Castelo Rodrigo)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- Chenorkian, R. (1988), *Les Armes Métalliques dans l'Art Proto-historique de l'Occident Méditerranéen*, Paris, C.N.R.S.
- Coixão, A. N. (1996), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- Cruz, D. J. (2001), *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-história Recente*, 2 vols., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (dissertação de doutoramento, policopiada).
- D'Anna, A. (1977), *Les Statues-menhirs et Stèles Anthropomorphes du Midi Méditerranéen*, Paris, Éditions du C.N.R.S.
- Ferreira, A. B. (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4].
- Gomes, M. V. (1994), "A Necrópole de Alfarozeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves", *Xelb*, 2, Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal de Silves.
- Gomes, M. V., Baptista, A. M. (1998), "A arte rupestre de Foz Côa. Importância científica e perspectivas", *Actas do Congresso Histórico Luso-Espanhol* (1997), 71-80.
- Gomes, M. V., Monteiro, J. P. (1976-77), "As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel, Beja) — Estudo comparado", *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, 281-351.
- Jorge, S. O. (1993), "O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (1-2), 179-197 [Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. I].
- Jorge, S. O. (1998), "Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação", *Estudos Pré-históricos*, VI, Viseu, 279-293.
- Jorge, S. O. (1999), "Stèles et statues-menhirs de l'Âge du Bronze en Péninsule Ibérique: discours de pouvoir", in *L'Europe au Temps d'Ulysse. Dieux et Héros de l'Âge du Bronze*, 25^e Exposition d'Art du Conseil de l'Europe, AFAA, 114-122.
- Jorge, V. O. (1998), "O Património arqueológico da região de Foz Côa, da Pré-História à Época Romana", *Côavisão*, n.º 0, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 11-21.
- Jorge, V. O., Almeida, C. A. F. (1980), *A Estátua-menir Fálca de Chaves*, Porto ["Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", n.º 6].
- Jorge, V. O., Jorge, S. O. (1983), "Nótula preliminar sobre uma nova estátua-menir do Norte de Portugal", *Arqueologia*, 7, Porto, 44-47.
- Jorge, V. O., Jorge, S. O. (1993), "Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal", *Actes du 115^e Congrès National des Sociétés Savantes, Avignon (1990)*, Paris, Éditions du C.T.H.S., 29-43.
- Jorge, V. O., Cardoso, J. M., Coixão, J. M., Pereira, L. S. (2002a), "Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal", in Scarre, C. (ed.), *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*, London, Routledge, 36-50.
- Jorge, V. O., Cardoso, J. M., Coixão, J. M., Pereira, L. S. (2002b), "Castanheiro do Vento, um Sítio Monumental pré-histórico do concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)", *Côavisão*, n.º 4, Vila Nova de Foz Côa, 73-93.
- López Plaza, M. S., Sevillano S. José, M. C., Grande del Brío, R. (1996), "Estatua-menhir de Tremedal de Tormes (Salamanca)", *Zephyrus*, 49, 295-303.
- Maluquer de Motes, J. (1971), "La estela de la Edad del Bronce de Preixana, Lerida", *Homenaje a Don Jose Esteban Uranga*, Ed. Aranzadi, Pamplona, 475-481.
- Marques, C. A. (1995), *A Bacia Hidrográfica do Côa. Seguido de Algumas Notas Etnográficas de Riba Côa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Pereira, L. R. F. S. (1999), *As cerâmicas "Cogeces" de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado, policopiada).
- Perestrelo, M. S. (2001), "A Idade do Bronze no Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel)", *Estudos Pré-históricos*, IX, Viseu (neste volume).
- Ribeiro, O. (1985), "Beira Alta", in *Guia de Portugal. Beira. II. Beira Baixa e Beira Alta*, 3.º vol., 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, O., Lautensach, H., Daveau, S. (1987), *Geografia de Portugal. I. A Posição Geográfica e o Território*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

- Ribeiro, O., Lautensach, H., Daveau, S. (1988), *Geografia de Portugal. II. O Ritmo Climático e a Paisagem*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- Rodrigues, A. V. (1983), *Terras da Meda. Natureza e Cultura*, Ed. Câmara Municipal da Meda.
- Sanches, M. J., Jorge, V. O. (1987), "A estátua-menir da Bouça (Mirandela)", *Arqueologia*, 16, Porto, 78-82.
- Santoja Gómez, M., Santoja Alonso, M. (1978), "La estatua-menhir de Valdefuentes de Sangusín (Salamanca)", *Boletín de la Asociación Española de Amigos de Arqueología*, 10, 19-24.
- Silva, J. J. (1992), *Monografia do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*, Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.
- Silva, M. D. O. (2000), "Estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda)", *Estudos Pré-históricos*, VIII, Viseu, 229-236.
- Soutou, A. (1967), "Stèles protohistoriques de la Péninsule Ibérique", *Ogan*, XIX (1-2), Paris, 189-196.
- Taboada Cid, M. (1988-89), "Estela funeraria antropomorfa do Muiño de San Pedro (Verín)", *Boletín Auriense*, XVIII-XIX, 79-93.
- Thadeu, D. (1965), *Carte Minière du Portugal, 1/500.000. Notice Explicative*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- Vasconcellos, J. L. (1910), "Esculturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português", *O Archeologo Português*, XV, Lisboa, 31-39.
- Vilaça, R. (1995), *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, 2 vols., Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico ["Trabalhos de Arqueologia", 9].

RESUMO

Este texto tem como objectivo a análise de uma nova estátua-menir encontrada em "Ataúdes" (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda). Embora recuperada fora de contexto, é plausível que o local original de implantação fosse próximo, em plena zona de aluvião.

Trata-se de um bloco de granito, toscamente talhado, de configuração sub-rectangular e perfil sinuoso; mede 2,96 m de altura e 0,79 m de largura máxima. A cabeça está mutilada. A peça encontra-se insculptada, em relevo e gravura, no terço superior. Numa das faces possui uma figura subtrapezoidal com os lados maiores acentuadamente côncavos. Esta figura, presente noutras peças, é normalmente identificada com "insígnia" de poder que era aposta ou integrava o traje do personagem. Nesta mesma face encontra-se ainda uma série de sulcos horizontais, cuja interpretação é algo polémica. Na face oposta destaca-se, também ao centro, uma espada embainhada, presa com correias.

Este monumento datará de um momento avançado do Bronze Antigo / transição para o Bronze Médio (c. finais 1.º-2.º quartel do II milénio a. C.). Representa personagem detentora de poder (ou poderes), socialmente superior no seio da comunidade em que se inseria. Poderá ter "funcionado" como marco sinalizador ou referenciador de qualquer coisa e / ou para alguém.

SUMMARY

This text aims to analyse a new-found statue/menhir from "Ataúdes" (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda). Although found outside its context, it is most probable that its original location was near by, namely right over the alluvium zone of the valley.

The menhir is a roughly finished granite block of rectangular shape and curved profile; it is 2,96 m high and 0,79 m wide, maximum. Its head is missing. The block has high relief and engraving motives on the upper part. On one of the sides, there is a subtrapezoidal figure wh'os larger sides are clearly concave. This figure, which is also present in other archtypes, has been largely identified as a sign of power and used to be added to the attire of the personage or part of the attire itself. On the referred side of the monument, there are also a series of horizontal grooves, which interpretation is quite controversy. On the centre of the opposite side, can be seen a sheathed sword held by straps.

This monument dates from the Early / Middle Bronze Age (1st to 2nd quarter of the second millennium b. C.). It represents a personage with power (or powers) socially superior to those in the community. Its function could have been a sign-mark or a reference of some kind or for someone.



1. Aspecto do "Vale dos Ataúdes" (visto a partir de nordeste).



2. Estátua-menir de Ataúdes antes de iniciados os trabalhos.



1. "Anverso" da estátua-menir de Ataúdes.



2. Outra perspectiva da estátua-menir, notando-se o contorno da cabeça e ombros.



1. "Reverso" da estátua-menir.



2. Pormenor do "reverso", observando-se a espada, correias e possível alabarda.